

### **As duas faces do carnaval**

A manifestação cultural social do Carnaval tem uma aceitação coletiva e se repete todo o ano. É uma das grandes paixões dos brasileiros, uma festa folclórica linda! que no Brasil apresenta particularidades regionais. Nestes dias a criatividade da arte e da inteligência humana sai dos barracões e invade a avenida no salutar e inebriante contágio de contentamento, notadamente, no Rio de Janeiro. O povo brasileiro faz festa em todos os lugares. A alegria e o prazer imperam nestes dias. O ser humano extravasa suas emoções, canta sua alma, sua paixão de representar sua escola e/ou de estar no seu bloco; há um renovar de energias positivas. São dias de luxo, de beleza, de exultação, de doce jovialidade em qualquer idade. Há uma explosão nacional de emoções construtivas. Quase todos os brasileiros se divertem, alguns poucos repousam. No carnaval evidencia-se a influência das raças que formaram o povo brasileiro, observa-se a musicalidade e a dança da raça negra, a representação e o colorido dos povos indígenas na avenida e as vestimentas ricas dos povos portugueses. Esta é face boa e bonita do carnaval. Este é o lado bom do carnaval, em síntese: beleza, luxo, criatividade, alegria, leveza e renovação de energia de vida.

Agora, vejamos a outra face da festa do Rei Momo. A bebida alcoólica se torna farta. Há dentre o contingente de pessoas diversos tipos de comportamento. Uns se divertem de forma salutar. Outros exultam e se ufanam de brincadeiras. Há dentre os foliões os que perdem a consciência do aqui e do agora, bebem tanto que ultrapassam os limites da consciência. E às vezes, ainda, acham isto lindo! Muitas pessoas continuaram na mesma farra inicial, tendo como marco referencial derradeiro o dia de sábado. Para estes seres humanos não ocorreram intervalos de recuperação, de reposição orgânica e de consciência. Esses assumiram o risco, em potencial, do que poderiam fazer. Os riscos sempre são muitos e de múltiplas formas. No caso particular de Fortaleza e cidades litorâneas há riscos de percursos - nas correrias de uma cidade para outra, nas ultrapassagens de veículos nas estradas, na velocidade imposta ao veículo pelo guiador; no uso exagerado de bebida alcoólica - quem bebe não deveria dirigir, em suma, eles decorrem da imprudência e da negligência das pessoas. Há bêbados valentes que não passam a chave do carro e/ou da moto a outra pessoa e colocam em risco sua vida, a da família e a das demais pessoas. Esses fatos compõem a vertente do povo. Podem advir de tal atitude a gravidade da violência as mortes e as incapacidades

Lanço o olhar na vertente do Setor Público. Este na sua famigerada fome de barganhar recursos, quando se fala em morte e incapacidade pelo trânsito só se pensa em multa. Há de se por em prática, de forma efetiva, não campanhas paliativas de educação de trânsito nos momentos críticos. Isto funciona com se fosse “apagar um incêndio”. Serve para chamar atenção para o problema e é melhor do que nada. Porém, há necessidade de um programa de educação de trânsito; a campanha é passageira, momentânea; o outro, não, é duradouro pode ser até permanente. As

**Querubina Bringel Olinda<sup>(1)</sup>**

1) Enfermeira, Advogada, Professora mestre da Universidade de Fortaleza

multas já estão incompatíveis com os salários e pesam demasiadamente no bolso do proprietário de veículo de escassos recursos. E a culpa é dividida entre o motorista e o setor público. Quem concede e quem cassa a carteira de habilitação? Quem é responsável pela engenharia do trânsito? Acredito que se tem que pensar no registro da carteira de motorista que dirige embriagado e não punir toda a sociedade. Têm os órgãos de trânsito o dever social de devolver ao motorista a gentileza no trânsito, de realçar junto ao guiador a responsabilidade com a vida e a integridade física das pessoas, de suprir as deficientes políticas de educação no trânsito, prover resolução para as deficiências na engenharia do trânsito e de ouvir sugestões da sociedade.

O outro grande risco do carnaval é o aumento da violência de homicídio, além do culposo decorrente do trânsito, referimos agora ao doloso praticado por armas branca e/ou de fogo. No problema homicídio o Estado tem um papel preponderante na prevenção com políticas: de segurança pública, de instrução e de educação, de trabalho, de renda, de fomento ao esporte, de valorização das pessoas e, finalmente, na feitura de leis e na sua aplicação, no aparelhamento do Estado. Talvez por esta razão se fale muito na prevenção de mortes e incapacidades no trânsito e tão pouco em prevenção de homicídio. No primeiro caso o ônus recai, sobretudo no cidadão, no outro, no próprio Estado. O homicídio, não só no carnaval constitui um grande problema com repercussões na vida, nos hospitais com os casos tentados e, principalmente, na família com a perda do ente querido e suas conseqüências sociais e emocionais. No carnaval se esquecem as mortes por homicídio, o trânsito é o ponto focal.

O carnaval exhibe os dois lados existentes da história, um maravilhoso e encantador, alegre, gostoso de ver e de viver; e o outro, ruim, de reflexão das Políticas Públicas sociais e de infra-estrutura. O saldo positivo é ótimo, inquestionável. Os promotores desenvolvem com muita competência as festas carnavalescas.

O carnaval oferece um momento de se olhar o saldo negativo e refletir sobre ele, não atrás de culpados em políticas públicas, de passado isto não constrói. Deve-se buscar o que se pode fazer para se evitar o óbito, a incapacidade física de pessoas, o sufoco hospitalar nos atendimentos de urgência e emergência em suma como trabalhar as questões.

A argumentação de falta de recurso já causou o desgaste máximo do imaginário popular. A população não acredita e não aceita mais. Os noticiários exibem fortunas de recursos públicos. Há um dever do Estado nas três esferas de governo, com a vida e com a integridade física do cidadão e uma responsabilidade que deve ser pactuada também com a sociedade na busca de mecanismos redutores da violência. Esta constitui tarefa de múltiplos órgãos e instituições públicas, em um trabalho coletivo e harmônico: Nacional, Estadual e Municipal, mobilizando e interagindo com a sociedade no binômio direito e dever de cada parceiro com objetivo único.

Um outro risco que advém dos dias de carnaval é a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis - DST. Nesta época tem-se em abundância: bebida, jovens bonitos, alegres, tempestivos, não temerosos, auto-suficientes e determinados. Houve mudança de comportamento no relacionamento entre os gêneros. Esta relação sinérgica de forças provoca, em conjunto, os ingredientes prováveis no aumento estatístico de casos das DST, a disseminação do agente infeccioso - HIV e conseqüentemente casos de AIDS.

As conseqüências são, em grande parte, problemas de Saúde Pública e, portanto exige-se um trabalho preventivo permanente. Cada um assumindo e cumprindo sua parte e, ainda, liderando e canalizando com competência os esforços da sociedade. O Carnaval é maravilhoso o lado das políticas públicas fundamentais à sociedade é que é questionável em vários ângulos na qualidade e na intensidade.